



O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Janaína Ribeiro Pireda Teixeira Lima
Lucas Capita Quarto
Nadir Francisca Sant'anna

RESUMO

O ensino de Língua Portuguesa está entre os mais fundamentais e vai desde a educação básica até determinados cursos do ensino superior. Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo investigar o ensino de língua portuguesa em sua teoria tal qual a BNCC e demais documentos e sua prática em sala de aula no cotidiano. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos e professores do 9º ano de escolaridade do ensino básico da rede privada de ensino da cidade de Porciúncula, Rio de Janeiro. O trabalho tem como metodologia, em um primeiro momento, um levantamento bibliográfico sobre o assunto além de uma pesquisa quantitativa sobre os resultados obtidos. Os resultados da pesquisa indicaram que houve um questionamento por parte dos alunos sobre a forma tradicional do ensino de gramática, além de um esforço dos professores para melhorias.

Palavras-chave: ensino, língua portuguesa, gramática.

ABSTRACT

The teaching of Portuguese is among the most fundamental and ranges from basic education to certain higher education courses. This paper aims to present the results of a research that aimed to investigate the teaching of Portuguese language in its theory as the BNCC and other documents and its practice in the classroom in everyday life. The research subjects were students and teachers of the 9th grade of basic education in the private school system in the city of Porciúncula, Rio de Janeiro. The work has as methodology, at first, a bibliographic survey on the subject in addition to a quantitative research on the results obtained. The survey results indicated that there was a questioning on the part of students about the traditional way of teaching grammar, in addition to an effort by teachers for improvements.

Keywords: *teaching, Portuguese language, grammar.*

INTRODUÇÃO

Há muito o sistema educacional brasileiro vem desejando e necessitando uma mudança em sua metodologia. Geraldi (2015) afirma que as escolas estão buscando repensar suas práticas pedagógicas em todos os setores escolares, criando novas perspectivas de ensino. Santos (2002) menciona o fato de as escolas terem dificuldade de manter seus alunos matriculados. “Se os alunos têm fracassado, isto reflete a dificuldade que a escola tem tido para implantar um ensino de qualidade. Na verdade, ela tem apresentado dificuldades de ensinar os conteúdos por ela mesma propostos.” (SANTOS, 20202, p. 28). Sendo assim, as escolas ainda utilizando o método Tradicional de ensino acabam encontrando dificuldades de apresentar conteúdos para as novas gerações.

No método da Escola Tradicional, utilizado na maioria das escolas do Brasil, o processo de ensino-aprendizagem se dá por meio da figura central do professor, detentor de todo conhecimento e responsável por ensiná-lo aos alunos. Para os alunos, o processo educativo é principalmente por aulas expositivas, representado pela aquisição de conhecimentos de modo gradual. (Protetti, 2010).

Dessa forma, é o professor que domina a organização lógica e a estrutura do conteúdo entregue aos alunos. No ensino tradicional, a transferência de conhecimento é particularmente predominante. (Leão, 1999)

Do ponto de vista teórico, o ensino de Língua Portuguesa está vinculado à BNCC¹. Em seu componente Língua Portuguesa, para o segundo seguimento do

¹ Base Nacional Comum Curricular

Ensino Fundamental, cabe, então, “proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.” (BRASIL, 2018 p. 82).

Embora a Base, Parâmetros e outras leis especifiquem muito bem as metodologias e o modelo de ensino de Língua Portuguesa adequados, sabe-se que na prática tamanha é quantidade de discentes que estão saindo da educação básica com dificuldade na fala, leitura e escrita. O ensino fortemente embasado na Gramática Normativa, nas teorias e pouco chamativo afugenta o aluno.

Silva (2012 p. 3) afirma que o ensino de Língua Portuguesa no Brasil é “uma ótima oportunidade desperdiçada de pensar cientificamente a relação entre idioma e falantes.” O autor ainda afirma que se perde essa oportunidade devido ao uso ineficiente dos métodos de ensino, além das posturas inadequadas dos professores. (SILVA, 2012).

Sendo assim, este trabalho se propõe a investigar como as práticas docentes de língua portuguesa vêm sendo aplicadas no cotidiano de alunos do 9º ano do ensino fundamental, numa tentativa de justificar a defasagem de aprendizado de parte desses alunos.

1 Reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa no Brasil

Após o processo de redemocratização nos anos 80, a participação dos professores se tornou mais efetiva no que diz respeito à elaboração de leis. Sob essa ótica, novas experiências em sala de aula vieram à tona. Foi assim que, mais tarde, novos Parâmetros surgiram – os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). (GERALDI, 2015).

Ainda segundo o autor, a partir desse momento iniciou-se um tipo de implantação de ensino verticalizado como parte das exigências para novos modelos educativos. Isto é, as avaliações se tornariam obrigatórias e a aplicação dessas provas se transformariam no *modus operandi* do que se ensina e de como se ensina, principalmente adequando os alunos para responderem a testes.

Ainda hoje, mais de 30 anos depois, o processo de ensino de Língua Portuguesa e de outras disciplinas permanece verticalizado, onde o professor expõe conteúdos previamente selecionados e aplica testes e provas para avaliar o nível de aprendizado dos alunos. (PROTETTI, 2010).

Apesar do surgimento de novos parâmetros em 2015 com o advento da Base Nacional Comum Curricular – BNCC – ela continuou sendo um subproduto dos PCNs, mantendo o ensino verticalizado, agora chamado de currículo mínimo. (GERALDI, 2015).

Na Base Nacional Comum Curricular, a área de Linguagens reúne quatro componentes curriculares (língua portuguesa, língua estrangeira, arte e educação física), em continuidade às orientações que constam na LDB n. 5692/96 e nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Fundamental, com primeira versão divulgada há mais de quinze anos, em 1998, embora a BNCC tenha sido construída com vistas às práticas futuras de ensino na Educação Básica. (AZEVEDO & DAMACENO, 2017, p. 86).

Nesse contexto, para a BNCC o processo de aprendizagem do letramento é tido como um processo individual de cada pessoa. Tal estruturação se mantém igual em todos os documentos educacionais. Nesse sentido, embora o entendimento sobre as concepções de aprendizado da linguagem tenham sido ampliadas com o passar das décadas, ainda é possível notar que a perspectiva da aprendizagem se mantém inerte. Não obstante, a Base ainda traz 10 competências para o ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental. São elas

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).
9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais. (BRASIL, 2018 p. 84)

2 Metodologia e Prática de Ensino da Língua Portuguesa

Dentro do campo da Linguística, a discussão sobre as diferentes formas de se ensinar gramática já vem sendo feito há muito tempo. No Brasil, o ensino de Língua Portuguesa continua sendo amplamente discutido. De acordo com Madeira (2005), para a maioria dos professores aprender uma língua significa aprender regras gramaticais fixas e termos técnicos.

Dentro no estudo de gramática é possível observar que há a presença de gramáticas, no plural, pois estudiosos e linguistas definem cada uma com uma função específica. A gramática normativa estabelece as regras e normas da normal culta. A gramática descritiva analisa o idioma no que diz respeito ao seu uso oral. Já a histórica trata da história da língua ao longo do tempo, enquanto a comparativa estuda a gramática dos idiomas pertencentes às mesmas famílias linguísticas. (MADEIRA, 2005). Embora existam quatro tipos de gramáticas com propostas e objetivos diferentes, a ensinada nas escolas é apenas a Normativa. Dela partem as regras da língua falada e escrita.

Não obstante, Possenti (1996) postula que “o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido” (p.17). Porém, o autor ainda afirma que é preciso que a escola discuta outros conceitos de gramática, sem sobrepor uma à outra. “O papel da escola não é o de ensinar uma variedade no lugar da outra, mas de criar condições para que os alunos aprendam também as variedades que não conhecem, ou com as quais não têm familiaridade.” (Possenti, 1996, p.83).

Vale ressaltar ainda que a BNCC, em 2015, ressalta a importância de que o professor prepare o aluno para conhecer diferentes formas da mesma língua e saiba utilizar a língua de forma adequada em diferentes contextos.

Azevedo & Damaceno (2017) corroboram afirmando que

a proposta da BNCC, desde a primeira versão, apresenta-se como uma forma de unificação de um projeto nacional de educação, mas isso não deveria acontecer por meio da unidade de um documento de cunho educacional com exames/provas de larga escala (como Enem e Prova Brasil), especialmente quando se quer recompor redes de ensino. Além disso, como o atendimento à diversidade dos estudantes é uma perspectiva que torna a escola um espaço de inclusão, preocupa-nos haver pouco espaço para a consideração das múltiplas realidades, variadas condições existenciais e diferentes maneiras de aprender, principalmente na versão final do documento. Como sabemos que as representações que os professores têm acerca dos estudantes são de ordem pessoal, ética, cultural e social, a ênfase nas particularidades e nas características próprias de cada ano/série de ensino não favorecem a construção da escola como um lugar com abertura para o diferente, as dissensões e a criação de práticas renovadas, como a BNCC pretende. (AZEVEDO & DAMACENO, 2017, p. 89)

De acordo com Santos (2002) nos últimos 30 anos tem surgido uma extensa literatura que discute a forma como o processo de ensino de língua materna no Brasil vem acontecendo. Nesses trabalhos há a preocupação de não apenas criticar as práticas de ensino de língua portuguesa presentes na escola, mas sobretudo apontar questões de nível conceitual e metodológico na direção de uma nova forma de se conceber o ensino da leitura e da escrita.

3 As dificuldades no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa

A sociedade brasileira tem passado atualmente por significativas mudanças tecnológicas. Em todas as esferas da sociedade, tais mudanças têm se tornado cada

vez mais evidentes. Dentro da perspectiva do ensino, esses avanços têm aparecido ainda mais. Tal nova realidade tem levado professores a repensar o ensino da língua materna. Embora as novas gerações de alunos sejam diferentes das anteriores e careçam de mudanças efetivas em relação ao processo de ensino-aprendizagem, alguns aspectos resistem à mudança, como a rigidez da norma e a relação polida entre professor-aluno.

A cada dia surgem novos diálogos sobre a necessidade de mudança das práticas de ensino. No campo da língua portuguesa a prática e as perspectivas teóricas não conseguem dialogar entre si, apontando para caminhos diferentes.

A problemática do ensino da língua escrita tem sido uma questão muito discutida por aqueles que fazem Educação. Várias têm sido as explicações para o fracasso de muitos no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Atrelada a estas explicações está atrelada um modo de se entender a língua e o seu processo de ensino aprendizagem. Na escola, o ensino da escrita e da leitura esteve durante muito tempo associado apenas às atividades de codificação e decodificação do sistema de escrita. (GERALDI, 2015 p. 30)

Dentro dessa perspectiva, é possível inferir que o ensino de língua portuguesa no Brasil, ainda hoje considera apenas a Língua-padrão como objeto de estudo. Nesse contexto, é excluído do aluno todo o aporte linguístico que poderia ser agregado. Segundo Ilari (2009), o estudo do português-brasileiro não deveria incluir apenas a língua trabalhada esteticamente perfeita, encontrada em gramáticas e livros. O idioma abrange também dialetos e variedades regionais correspondentes à estruturação socioeconômica dos falantes.

Sob essa ótica, em seu livro *Preconceito Linguístico*, Marcos Bagno (1999) aponta que dentro das escolas ainda existe muito preconceito em relação ao valor que é atribuído a variedade não-padrão, sendo considerada como errada pela gramática. O autor ainda afirma que só será possível um efetivo aprendizado da leitura e escrita e tornar as aulas de português mais interessante aos olhos dos alunos, quando a escola abrir mão de mitos chamados de *Círculos Vicioso do Preconceito Linguístico*. (BAGNO, 1999).

Figura 01: Tríade do preconceito linguístico



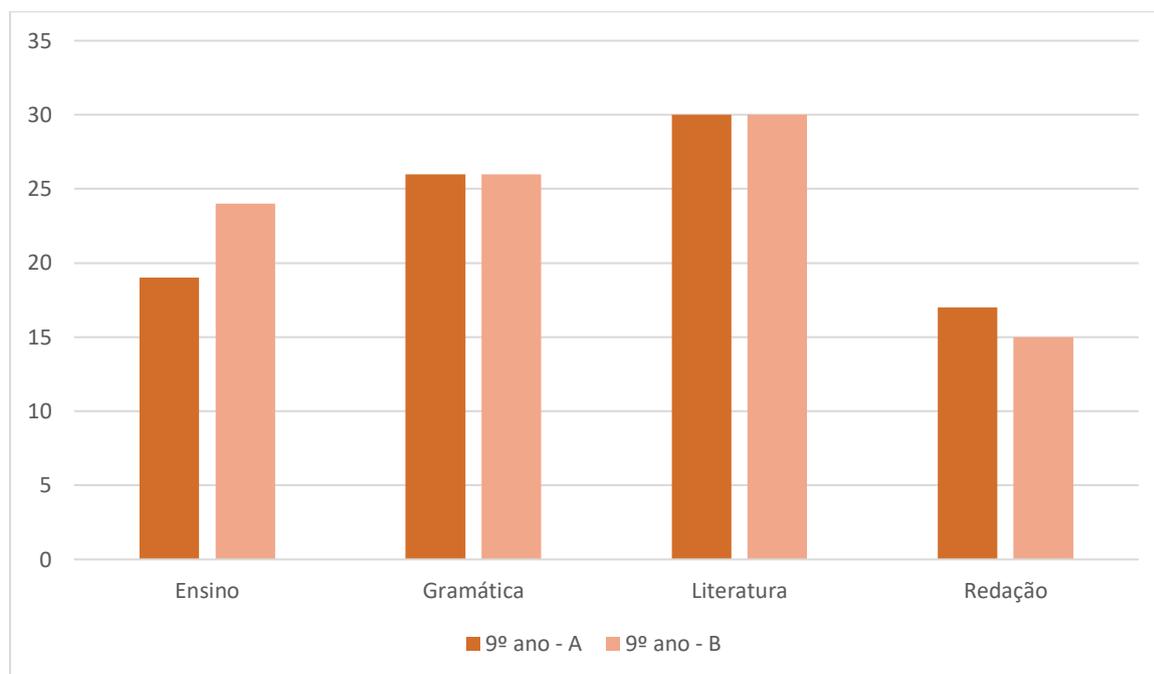
Fonte: Marcos Bagno (1999)

METODOLOGIA

Preocupações sobre o papel da gramática no ensino de português e a forma como a disciplina é abordada estão surgindo cada vez mais no campo dos estudos da linguagem. Além da gramática, o ensino de língua portuguesa pressupõe o ensino de Literatura e produção de texto ou redação. Sob essa ótica, esta pesquisa buscou analisar a opinião de 60 alunos do 9º ano do ensino fundamental em uma escola particular do município de Porciúncula, RJ. As turmas são divididas em 9º ano A e B com 30 alunos cada. Para cada aluno foi feito um questionário oral e individual perguntando sobre seu rendimento durante as aulas e o ensino em si (como esse aluno absorve a metodologia utilizada pelos professores), além da abordagem do ensino de gramática, literatura e redação. A pesquisa é de caráter quantitativo, visando expor em gráficos as respostas obtidas pelos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após analisar as respostas dos alunos foi possível observar que a insatisfação com as aulas e os conteúdos de língua portuguesa está presente nas duas turmas.



Ao serem questionados sobre a metodologia de ensino, 19 alunos do 9º ano – A e 24 do B disseram não gostar ou não terem se adaptado. As aulas são, em sua maioria, expositivas com o professor utilizando o quadro para expor os conteúdos.

Em relação à gramática, um total de 52 alunos disse não gostar dos conteúdos. a justificativa dada pela maioria dos alunos é que gramática do 9º ano é muito extensa e complexa, sendo a abordagem expositiva, com a necessidade de decorar informações.

Quanto à literatura, 100% demonstraram desinteresse pela forma como a disciplina é ensinada. Enquanto isso, Redação foi a disciplina melhor aceita pelos alunos somando apenas 32 que afirmaram não gostar do conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua portuguesa tem papel fundamental na aprendizagem escolar desde a alfabetização até o último ano do ensino médio. Dada sua importância, é válido ressaltar que o aprendizado da língua materna é intrínseco aos seres humanos. Sendo assim, é possível notar que o aprendizado de língua portuguesa vai muito além

de memorizar regras da gramática normativa. Além disso, é importante que o aluno tenha consciência que a principal ferramenta da língua é a comunicação e a transmissão de uma mensagem.

Os textos que foram utilizados como fonte de pesquisa para produção deste artigo corroboram para a compreensão de o ensino de língua portuguesa como vem sendo trabalhado em sala de aula ainda hoje faz com que o aluno perca o interesse pelo aprendizado. Não obstante, manter o ensino de português pautado em memorização de normas e regras desestimula o alunado.

Sendo assim, enriquecer a aprendizagem utilizando as mais diversas ferramentas disponíveis – como internet, músicas, filmes, etc – pode proporcionar um maior interesse já que as novas gerações estão cada mais conectadas às tecnologias. Assim, as aulas de língua portuguesa se tornarão, em toda a sua diversidade, mais prazerosas e produtivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, F. de et. al. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 65, n. 150, p. 407-425, 1984.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; DAMACENO, Taysa Mercia dos S. Souza. Desafios do BNCC em torno do ensino de língua portuguesa na educação básica. **Revista de estudos de cultura**, n. 7, p. 83-92, 2017.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. Edições Loyola, 1999.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Questões de estilística no ensino da língua. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CLARE, Nícia de Andrade Verdini. Ensino de língua portuguesa: uma visão histórica. **Revista Idioma, Rio de Janeiro**, v. 22, n. 23, 2003.

FREGONEZI, Durvali Emilio. Aconteceu a virada no ensino de língua portuguesa? **Revista do GELNE**, v. 1, n. 2, p. 82-85, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 15 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GERALDI, João Wanderley. O ensino de língua portuguesa-e a Base Nacional Comum Curricular. **Retratos da Escola**, v. 9, n. 17, 2015.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. Leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984.

ILARI, Rodolfo. Linguística e ensino da língua portuguesa como língua materna. **Museu da Língua Portuguesa**, 2009.

LEÃO, Denise Maria Maciel. Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. **Cadernos de pesquisa**, p. 187-206, 1999.

MADEIRA, Fabio. Crenças de professores de Português sobre o papel da gramática no ensino de Língua Portuguesa. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 8, n. 2, p. 17-38, 2005.

MIZUKAMI, M. G. N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986

PIAGET, J., INHELDER, B. A Psicologia da criança. 3. ed. São Paulo: Difel, 1994.

POSSENTI, S. **Por que (não) Ensinar Gramática na Escola**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

PROTETTI, Fernando Henrique. Afinal, existe algum aspecto positivo no modelo da Escola Tradicional. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 106, p. 75-83, 2010.

REBOUL, O. Filosofia da Educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985

SANTOS, Carmi Ferraz. A formação em serviço do professor e as mudanças no ensino de língua portuguesa. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 3, n. 2, p. 27-37, 2002.

SAVIANI, D. A Pedagogia Histórico-Crítica e a Educação Escolar. In:_____. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 89- 103.

SAVIANI, D. Escola e democracia. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SILVA, André Luis Correa. **O ensino de Língua Portuguesa**. Clube de Autores, 2012.

SUASSUNA, Livia. **Ensino de língua portuguesa: Uma abordagem pragmática.** Papyrus Editora, 2020.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ARAÚJO, Maria Helena Santos; ALVIM, Maria Teonila de Faria. **Metodologia e prática do ensino da Língua Portuguesa.** EDUFU, 2010.